

EDITORIAL

As artes e ciências do humano dão a tônica para este décimo número da **Revista Eletrônica Thesis**. Uma décima edição que tem motivos para ser celebrada. O esforço conjunto de professores e pesquisadores no sentido de tornar público aquilo que é feito nos espaços acadêmicos completa dez edições no espírito do diálogo crítico aberto ao entendimento – não isento de dissenso, mas orientado para a compreensão e ao respeito mútuos. E, nesse sentido, vale lembrar que a linha editorial de **Thesis** tem como fundamento a interdisciplinaridade, o que, por si só, já é um exercício de diálogo e reconhecimento dos saberes do outro como igualmente válidos. Assim, ao longo dos números, o trânsito entre conhecimentos e práticas diversas atravessou o caminho não como um acidente feliz, mas como o princípio que norteia o cruzamento das linhas de guarda do produto editorial.

Nesta edição, o foco volta-se para a produção do humano, entendido em seu sentido mais amplo e inserido em um contexto discursivo no mundo que o cerca. Os artigos, sejam sobre Direito, Administração ou Música, mostram o mesmo leque de interrogações que permeia vários espaços acadêmicos – o que não deixa de ser, também, um autoquestionamento das próprias condições de realização de pesquisa.

De saída, em **“Programas e políticas de QTV (Qualidade de Vida no Trabalho) como tecnologia de escamoteamento do conflito”**, Inês Aparecida Cáceres Bottura, Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdade Cantareira, trata da relevância do fator humano para o sucesso dos elementos motivacionais ligados à QTV. Procurando uma abordagem a partir da Teoria Crítica das Organizações, a autora procura refletir sobre as condições de trabalho na perspectiva do bem-estar do trabalhador.

Igualmente próximo das questões cotidianas, em uma esfera que só na aparência estaria distante dela, o artigo **“A imparcialidade do magistrado: uma perspectiva histórica”**, de Jefferson Pererira Rodrigues, bacharel em Direito pela Faculdade Cantareira, propõe uma genealogia discursiva do sentido de “neutralidade” daquele que vai julgar, procurando material empírico desde os códigos da Antiguidade até as Ordenações Portuguesas.

Da esfera do Direito parte-se em direção aos caminhos da arte contemporânea, em vertentes que se estendem das artes plásticas à música. Se nos artigos anteriores o tema era a normatização das atividades humanas com vistas a uma melhor compreensão do próprio elemento humano, a partir daqui a edição se desloca para trabalhar os problemas e questões da expressividade do indivíduo em sua relação com os outros.

“**Imagens dialéticas**”, de Martinho Alves da Costa Júnior, doutorando em História da Arte na Unicamp, trabalha com uma questão central na discussão das artes plásticas da atualidade, as relações entre experiência estética e estésica no cotidiano do espectador a partir de seu contato com imagens dialéticas em sua realidade do dia a dia.

No mesmo caminho da compreensão da arte, Nívea Nasser encaminha sua investigação no sentido de compreender as características estéticas da música em “**Villa-Lobos e a elaboração de linguagem e estilo característicos**”. Para a autora, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, é necessário levar em consideração a profunda relação do autor com a natureza brasileira para lançar um novo foco de luz na compreensão de sua obra. O argumento é que parte de sua linguagem musical está vinculada a sua leitura, bastante pessoal, a respeito da natureza brasileira e sua interpretação desse panorama.

No último artigo, o maestro e arranjador Roberto Anzai, professor de Canto Coral na Faculdade Cantareira procura observar os padrões da interpretação musical das obras para voz existentes no Brasil de 1730 a 1850, tomando por base as gravações feitas entre 1957 e 2005. Ao final de “**Opção ou desconhecimento?**”, o autor aponta a inexistência de uma escola de interpretação vocal, e os registros sonoros indicam que cada intérprete dedicou-se a fazer o que era possível dentro das condições específicas da época.

Assim, cruzando fronteiras disciplinares – não teria toda disciplina sido feita para ser burlada? – este décimo número de *Thesis* oferecer aos leitores um panorama diversificado das maneiras de pensar o humano, seja em sua dimensão do trabalho, seja no aspecto normativo ou em seu elemento artístico. Não em sua completude, mas em seu desejo de extrapolar a própria finitude.